

“Imagem = Imaginação”

Sonia Salcedo del Castillo – Rio de Janeiro, abril de 2004.

Faça de conta que o que você vê é o mergulho da sereia, o ninho da serpente, o rastro do vento, a cauda da nuvem ou, quem sabe, o coração do tempo... Diante das imagens de Monica Mansur, a imaginação surge como uma espécie de química reveladora de “paisagens invisíveis” sobre a sutileza acrílica de seus suportes. E, como limite diáfano que nos separa, transparece o que delas nos avizinha: a fronteira entre o real e o imaginário. Olhando-as, o espectador parece não ver o que vê, mas aquilo que não vê, ou seja, ele vê o que quer ver! Afinal, por que buscar fidelidade ao real num mundo onde a ‘reprodutibilidade’ cotidiana tangencia inverossimilhanças ‘técnicas’? Para que pensar em credibilidade se, hoje, até a fotografia – documento por excelência – já deixou de ser fiável?

Semelhante à vida contemporânea, em *Paisagens Cristais – refotografias* (serigrafias que Mansur assim denomina), separar os espaços material e mental parece tornar-se impossível. Talvez o fato de seu trabalho apresentar projeções que se constroem na imagem justifique essa impossibilidade. Até porque, na elaboração desta série, a artista parte de imagens construídas originalmente fora dos padrões habituais de transmissão e recepção visuais. Imagens que traduzem exames médicos aos quais se submeteu e cuja visualidade não permite identificar seu corpo. Velada a olho nu, sua realidade é inventada mecanicamente – seja mediante fibra ótica, ondas magnéticas ou raios Laser –, e, na medida em que tal meio “não capta nem reflete, não revela nem imprime uma imagem”, mas, segundo a artista, “presentifica cada real”, sua experimentação visual não se liga a reminiscências.

Assim, embora essas imagens não representem nenhuma natureza reconhecível ou vivenciada, elas se apresentam aos olhos do espectador como realidades pseudofotográficas – imagens refotografadas e depois impressas – que se abrem à imaginação. E, qual paisagens que não existem, colocam, ambigualmente, uma questão: ao mesmo tempo em que o corpo humano é essa paisagem, dela está afastado, pois em sua origem ela não é visível. Sim... um pouco de romantismo em meio à lógica racional da reprodução, por que não?

Após trabalhar com fotos do século 19, esta série parece ter estimulado na artista novas reflexões acerca das possibilidades “de se fazer real” a partir de imagens mediadas, tais como a ‘não-referência’ e a ‘não-individualização’. Neste conjunto de refotografias, o real, por exemplo, difere daquele identificado sob a lógica fotográfica. Na fotografia há ligação com o real – cujo referente é congelado no espaço/tempo – à maneira de “passado/presente ou presente/passado” dessa realidade; nas imagens inventadas não podemos identificar esse elo, pois, em verdade, o que elas nos revelam é a tradução imagética do real ou, melhor, a própria realidade. Simultaneamente, esse existir em si da imagem inventada (objeto, aliás) remete a outras discussões, como as relacionadas ao sujeito, uma vez que exacerba a questão da desindividualização, como indicam os questionamentos lançados pela artista. “Quem é (ou foi) aquele corpo (ou parte de um corpo), imaginado e apresentado daquela forma bidimensional, multiplicada, repetida e re-elaborada numa situação de arte?”

Em sua pesquisa visual, Monica Mansur não explora tão-somente questões relativas à reprodutibilidade de imagens produzidas mecanicamente, como as perdas de identidade do sujeito, da originalidade do objeto, enfim. Investiga também outras, que implicam a reversão desse processo, enquanto modo de reconstrução da aura artística. Daí a imaginação do espectador ser parte integrante de sua obra, como elemento de aproximação entre sujeito e objeto. Mas não só. Ela é acima de tudo o meio pelo qual se reverte a condição de esterilidade que, ao fim e ao cabo, caracteriza toda linha de reprodução. Somada as imagens, a imaginação viabiliza retomar a potencialidade criativa. *Paisagens Cristais – refotografias*, de Monica Mansur, constitui-se, pois, numa série de paisagens que se constroem na imagem, mediante nossa imaginação. Nessa realidade lúdica, façamos de conta então!

